



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## MICHELLE PERROT, CAPITALIZAÇÃO DA BELEZA FEMININA E A HISTÓRIA DAS MULHERES COMO ARGUMENTOS PARA O EMPODERAMENTO FEMININO.

*Michelle Perrot, capitalizing on female beauty and the history of women as arguments  
for female empowerment.*

Lopes, Maria Teresa; PhD; Universidade Federal de Pernambuco, [teresa.lopes@ufpe.br](mailto:teresa.lopes@ufpe.br)<sup>1</sup>

Araújo, Katia Medeiros de; PhD; Universidade Federal de Pernambuco,  
[katia.araujo@ufpe.br](mailto:katia.araujo@ufpe.br)<sup>2</sup>

### Resumo

Este ensaio apresenta uma discussão em processo de desenvolvimento sobre dois pontos centrais da obra de Michelle Perrot: a história das mulheres e a capitalização da beleza feminina, com vistas para o aprofundamento do conceito de empoderamento feminino, tomando a moda como um viés produtor de sentido dos dois aspectos mencionados.


**Palavras-chave:** Michelle Perrot; história das mulheres; capitalização da beleza feminina

### Abstract

---

<sup>1</sup>Pós-doutorado em semiótica pela Université Sorbonne, Paris 1 (em andamento). Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Sanduíche na Université Sorbonne, Paris 1. Pesquisadora nas áreas de Formação do Olhar, Semiótica e Sociologia aplicadas as discussões sobre a mulher, a moda e o design.

<sup>2</sup> É graduada em Desenho Industrial e mestre em Antropologia pela UFPE. Fez doutorado em Antropologia na UFPE, com estágio doutoral nas Universidades de Salamanca/ES e Lancaster/UK (Department of Sociology). É professora do Departamento de Design e do Programa de Pós-graduação em Design da UFPE. Coordena o grupo de estudos Design, Consumo, Artefatos e Relações de Gênero, registrado junto ao CNPQ desde 2013.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


This essay presents a discussion in the development process on two central points of Michelle Perrot's work: the history of women and the capitalization of female beauty, with a view to deepening the concept of female empowerment, taking fashion as a meaning-producing bias of the two aspects mentioned.

**Keywords:** Michelle Perrot; women's history; capitalization of female beauty

## Introdução

O ponto de discussão e aprofundamento do texto de Michelle Perrot – Minha história das mulheres - o qual abordamos neste ensaio, se ancora na constatação da autora de que, apesar de menção constante ao sexo feminino na produção científica e de sua efetiva presença nos movimentos das sociedades, apenas muito recentemente essa história começou a ser contada efetivamente por mulheres e para as mulheres. *Pari passu* ao processo de emancipação feminina se dá a visibilização dos contextos em que as mulheres atuaram efetivamente na produção de sentido social, simbólico e cultural, seja em prol de sua emancipação ou simplesmente como agentes na vida cotidiana. Da obra se destaca, sobretudo, o entendimento de que o conhecimento das mulheres sobre suas histórias contribuiu como reforço para que pudéssemos compreender a importância da libertação de amarras centrais da liberdade feminina, como o patriarcado, o dogmatismo judaico-cristão quanto à supremacia do sexo masculino e, principalmente, os enlacs do capitalismo que nos subjuga como gênero e nos organiza como mercadoria, enquanto sexo.

Perrot nos informa que:





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

O advento da história das mulheres deu-se na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1960 e na França uma década depois. Diferentes fatores imbricados – científicos, sociológicos, políticos – concorreram para a emergência do objeto “mulher”, nas ciências humanas em geral e na história em particular. (Perrot, 2006, p.19)

É a inclusão da mulher como objeto de estudos nas ciências humanas que traz à tona a necessidade de distinção conceitual entre o gênero e a sexualidade, por exemplo.


Outra autora cujo pensamento é relevante para o resgate da contribuição do termo “História das mulheres” é Joan Scott, quando ela nos diz que:

... na história das mulheres parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e descontinuidades e dar conta das desigualdades persistentes, mas também das experiências sociais radicalmente diferentes. (Scott, 1989, P. 5)

Assim, Scott continua:

Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. (Scott, 1989, P. 6)

É importante colocar que as questões de gênero integram um momento da história das mulheres e constituíram (e ainda constituem) uma busca por um aspecto específico, no sentido da legitimidade dentro do campo acadêmico dos estudos feminista da década de 1980, sendo um conceito entendido como representativo de algo relativo as mulheres, marcando assim uma posição histórica e política.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Cabe lembrar que Perrot inicia sua jornada como historiadora nos anos de 1950, e que nessa época era vigente uma forma de escrita da história onde as mulheres eram invisibilizadas. Com o amadurecimento de seu trabalho, a partir da temática privilegiada (a história da classe operária) e da ordem discursiva adotada, suas reflexões abrigaram questões e evidências documentais em meio às quais as mulheres passaram a ser o tema central. Acreditamos que por esse amadurecimento concomitante ao movimento feminista, ela permanece atual, e em muitos casos num local vanguardista, como é o caso do conceito de ‘capitalização da beleza feminina’, tão caro quanto controverso no universo da moda.

A construção da ideia de beleza feminina é entendida aqui como um espaço político, moral e ético da nossa sociedade que, ao longo da história, deu abrigo ao surgimento da moda como fenômeno material-capitalista.

No contexto do livro de Perrot, a moda aparece fortuitamente, através da temática da participação das mulheres no contexto da imprensa do início dos Séculos XIX e XX nas Revistas Femininas e no movimento sufragista; contudo, já é apresentada como assunto de grande potencialidade para a compreensão da sociedade, aparecendo em alguns momentos marcados como uma ordem estética e ética que representa a mulher pelo olhar masculino e teoricamente como um espaço de dubiedade e de conflito que tanto abarca a tirania que modela corpos e aparências, quanto constrói um espaço para a beleza, que ora é capitalizada pela sociedade, ora é sinônimo de fragilidade diante do viril masculino.

Outro ponto em que a sua atualidade se lança sobre nossos olhos, se dá quando a autora pondera que a liberdade das mulheres vem por meio do conhecimento de si e para si, reconhecendo questões de gênero, diferenciando os conceitos de gênero e sexo e instrumentalizando memórias e relatos femininos como documento histórico. Por outro lado, problematiza as historiografias misóginas, assim como assinala o uso da imprensa





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


protagonizado por mulheres que desejavam emancipação, como entes fundantes da realidade e condição feminina, obscurecida pelo senso comum e pelo próprio conhecimento acadêmico da época, masculinizado e masculinizante, tanto dos discursos e das práticas como dos olhares sobre a realidade social de mulheres e homens. Perrot, pontua ainda que entre as duas guerras, as mulheres têm acesso à universidade. E várias delas manifestam interesse pela história das mulheres (2006, p.19), criando-se assim uma espécie de ativismo acadêmico em torno do pensamento feminino, que contribuirá para que as mulheres rompam a bolha da sua invisibilidade para si mesmas.

### **Desenvolvimento**

Rumo ao desenvolvimento da questão central considerada neste texto: a moda como parte da história das mulheres e como fenômeno capital e aparente da beleza feminina, ambos marcos epistêmicos sistematizados por Perrot, faz-se interessante destacar sua concepção sobre o casamento moderno:

Sinal claro da individualização das mulheres, e também dos homens, o casamento por amor anuncia a modernidade do casal, que triunfa no século XX. Os termos de troca se tornam mais complexos: a beleza, a atração física entram em cena. Um homem de posses pode desejar uma jovem pobre, mas bela. Os encantos femininos constituem um capital. (Perrot, 2006, p.47)

Com a modernidade veio também o estabelecimento da burguesia e do proletariado como classes sociais, e o declínio da aristocracia como classe e *ethos* hegemônicos. Nesse contexto, são abertos espaços estéticos e morais para a capitalização dos encantos femininos, fenômeno que se coaduna com a capitalização do vestir da mulher – os primórdios da moda dentro da cultura de consumo. Em ambos os casos, essa ordem capital da aparência feminina, e como Perrot trata, beleza feminina, passam a ser distintas, ordenadas por sazonalidades, adornadas por ricos ornamentos e tecidos e por uma profusão de acessórios que passam a conferir uma nova aparência à mulher, entrando



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

em cena a silhueta “S” que redesenha o corpo da mulher à expectativa do olhar masculino.

Figura 01- Silhueta S



Como, afirma Perrot, com a modernidade no século XX adviria também a individualização das aparências masculinas e femininas e, com essa individualidade, por conseguinte, espaços, mobiliários, joias, hábitos e *habitus* – em termos bourdianos – serão materializados como artefatos que darão sentido a essas aparências e, dessa forma, teriam valores éticos, estéticos e políticos condizentes com o seu gênero, numa terminologia mais atual. Como antecipado por Perrot, será neste engaste de aparências que:

O desenvolvimento da história das mulheres acompanha em surdina o “movimento” das mulheres em direção à emancipação e à libertação. Trata-se da tradução e do efeito de uma tomada de consciência ainda mais vasta: a da dimensão sexuada da sociedade e da história. (Perrot, 2006, P.15)

Essa dimensão sexuada da sociedade e da história tratada pela autora revela que existem duas faces, duas vontades de verdade em termos foucaultianos, que autoram as aparências das mulheres e dos homens. Mas Perrot frisa que, a mulher é antes de tudo uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. E isso se acentua mais porque, na cultura judaico-cristã ela é constringida ao silêncio em público (2006, P. 49-50), assinalando a falta de voz política das mulheres em termos históricos. A reflexão da autora

16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

pode ser interpretada como sugestão de que a constituição dessa aparência feminina pode ser tido como um viés para que essa voz viesse a ser escutada, ou melhor dizendo, seu desejo de liberdade pudesse ser evidenciado em seu corpo.

Atualmente, um exemplo de capitalização da beleza feminina pela moda está na realidade aparente dos artefatos produzidos por ela, ou seja, na compreensão da produção de objetos onde ficam claras as reivindicações, mesmo que por aparência e para efeito de consumo, de certa evocação emancipatória e certos discursos de poder, como o feminista, utilizando-se, por exemplo, de temas como o “Girl Power”. Configura-se, por esta via, uma tentativa de entender como a necessidade de saída do sistema de sujeição ao patriarcado neoliberal progressista evoca a produção de significado por sobre os itens de design de moda.

Como podemos observar nas imagens abaixo:



Fonte: <https://www.socialbauru.com.br/2018/10/02/coluna-moda-empoderamento/>

É possível observar a via de mão dupla que se torna o fato das pautas emancipatórias, como as feministas, quando aparecerem como entes de produção de sentido para a constituição de aparências. E nesse sentido, como ao mesmo tempo em que se fortalecem enquanto imagens de moda feminina para o consumo, fragilizam-se os sentidos primários como as discussões identitárias e de gênero, ou mesmo a compreensão do *status quo* patriarcal e sua implicação enquanto expressão capitalizada.

16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Torna-se clara, aqui, a necessidade de compreensão e de ampliação de uma base epistêmica que trate a moda como um fenômeno de produção de sentidos e significados, por meio do viés da sociologia e da história, abarcando contextos nos quais ela – a moda – pode ser entendida como um dos argumentos/discursos que materializam o processo subjetivo de emancipação feminina.

A partir da história das mulheres, no tocante à história da constituição das suas aparências – como poderemos ver na imagem abaixo – pode-se constituir um olhar que possibilita a compreensão de como a luta por direitos se configura em questões de moda, como as idas e vindas estéticas, como a altura da saia e a profundidade do decote, ou mesmo a negociação para o uso da calça se configuram ao mesmo tempo como processo histórico e como processo emancipatório por direitos.



Fonte: Michael Tambini – O Design do Século

Nesse sentido, a imagem acima, nos parece sugestiva da possibilidade de compreensão sobre como a moda se articula enquanto recurso discursivo aparente – discurso visual –, e de empoderamento estético-cultural. Almeja-se com esses argumentos evidenciar que, no caso feminino, o gênero pode ser entendido como uma superfície de significações onde são engendradas negociações simbólicas, indiciais e iconográficas, e como um processo no qual a moda entra como um fenômeno de significação do eu feminino.

### **Reflexão final**

Como reflexão final destacamos que a Capitalização da Beleza e a necessidade de Empoderamento Feminino, se coadunam com o espírito do tempo que vivemos, no qual





16º

COLÓQUIO  
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

a capitalização da aparência, em conjunção com a consciência feminina que tem lugar a partir do feminismo possibilita sua instrumentalização pelas mulheres com fins emancipatórios. atualmente Assim, a aparência passa a ser um recurso de expressão das mulheres sobre si mesmas e seus anseios de liberdade. Pode-se refletir que há mulheres de certas religiões, com suas saias depois dos joelhos e há mulheres que não vestem sutiã; ou seja, as mulheres também expressam seu *ethos* pela via da aparência. Esses seriam alguns exemplos de construções da aparência que podem evidenciar a normatividade ou a liberdade do corpo, a depender dos significados construídos em torno de cada expressão de aparência, por sua vez, em função do jogo de forças sociais que se apresentam em disputa. Assim, como podemos observar nas palavras do Instituto Mana sobre o tema:

Para algumas, empoderar-se significa finalmente colocar aquele shortinho curto, vestir roupas que mostram mais o corpo ou explorarem seu lado mais sexy, pois para elas isso pode significar um passo enorme na direção oposta às imagens distorcidas que muitas de nós fazemos de nós mesmas em virtude do **padrão de beleza imposto goela abaixo**, fazendo com que nos sintamos feias, indesejáveis ou privadas de nossa sexualidade. Para outras mulheres, no entanto, empoderamento pode significar vestir-se de forma mais modesta, a fim de dar mais ênfase a outras qualidades pessoais e não apenas a sua sexualidade ou aparência, pois para elas, a hipersexualização de seus corpos é uma opressão significativa. (Instituto Mana) – Grifo nosso

Essas palavras evidenciam que a aparência, a beleza e a moda como fenômeno de significação, andam juntas; e que empoderamento é, antes de tudo, **um fenômeno relacional**, uma construção para a qual também conta a consciência individual da mulher diante das opressões, ou seja, de como ela sente as opressões do machismo e do patriarcalismo e de como ela deseja se apresentar frente a isso, inclusive a partir da sua aparência. A fala evidencia a sentença de que em termos de empoderamento feminino, a aparência de uma mulher, deve ser, antes de tudo uma escolha dela para ela mesma; em





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021


outras palavras, a sua formação do olhar e o atentar para si mesma constituem uma prerrogativa emancipatória, a possibilidade de transferir para a sua ordem estética e material-aparente o campo de significação dos seus valores emancipatórios. Algo que segundo o Instituto Mana:

... é um processo longo, diário, que exige principalmente bastante **autoconhecimento** - para identificar nossos próprios padrões - e **consciência social** - para identificar as opressões que mais nos atingem - para a partir daí irmos quebrando nossas correntes. (Instituto Mana) –  
Grifo do autor

O processo de autoconhecimento vislumbrado por Michelle Perrot, Joan Scott e muitas outras escritoras feministas pode ajudar, ainda hoje, muitas mulheres, sendo uma fonte de reflexão de comportamentos e atitudes diante da realidade histórica das mulheres, ao nos fornecer dados, fatos e construções de estranhamento para compreendermos a nós mesmas pessoal e historicamente.

Já com relação à moda, entende-se que ela está para além de um fenômeno de significação nos casos aqui narrados, já que mesmo se alcançando semioticamente que ela atue como ente de construção simbólica das pautas emancipatórias, a moda também é um importante vetor sociológico de visibilidade desses desejos de liberdade enquanto mulher. Pode-se refletir que a moda se capitaliza para o bem e para o mal das relações de busca dos indivíduos por se tornarem livres e, em certa medida, independentemente das hegemonias de gênero existentes no cotidiano feminino.

A moda abre um espaço de consumo, no seu sentido mais plural, para os diversos desejos; e abriga no corpo aparente das mulheres uma importante superfície para evidenciar olhares que na maioria dos casos lhes são bem antagônicos. Essas múltiplas visões vão desde as regulações estéticas a serem obedecidas, muitas vezes pela sua ‘tirania’ – termo evidenciado por Perrot – do padrão a ser alcançado, ou mesmo do machismo absoluto, até o seu campo de maior oposição, mostrando o corpo enquanto





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

imagem feminina de liberdade, como por exemplo, os históricos usos da minissaia e da calça comprida. Essas seriam também expressões de processos de capitalização da beleza feminina, mas carregados de um desejo de liberdade e de saída dos sistemas de opressão.

Já do ponto de vista da história das mulheres, a moda se coloca num lugar igualmente dúbio, pois ao mesmo tempo que abre espaço para que elas trabalhem – estilistas, fábricas de tecidos, ateliês de costuras, lojas de moda, etc. (sobretudo nos séculos XIX e XX, como assinalado por Perrot), tendo-se o trabalho – de alguma forma e com muitas concessões à temática da exploração laboral feminina – como um importante vetor social por busca de direitos e por de conquistas de espaços legítimos. Ao mesmo tempo, a moda tem na superfície dos corpos masculinos e femininos um espaço para a regulação do gênero em aparência e isso também é um local de dubiedade, visto que, dependendo da época e dos valores existentes e significantes, a aproximação com um signo político pode dar sentido a correntes de pensamento e atuações mais ou menos conservadoras, mais ou menos emancipatórias.


Por fim, concluímos que é possível ampliar o conceito de moda como fenômeno de significação, para a moda como consequência e como propriedade a partir da história das mulheres, lugares esses complementares e que, sim, extrapolam as relações de aparência, na medida em que ela, a moda, se coloca também como fenômeno que capitaliza a beleza feminina. Nesse sentido, moda e significações de gênero passam a andar juntas, criando espaços e possibilidades diversas que merecem ser estudadas e ampliado o seu local epistêmico.

## Referências

Instituto Mana. (acessado 02/05/2021)

<https://www.institutomana.com/single-post/oquequeremasmulheresmepoderadas>

PERROT, Michelle (2017). **Minha história das mulheres**. [trad. Angela M.S Correa] , – 2 ed. 4 reimpressão – São Paulo: Contexto.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

SCOTT, J. **Gender: a useful category of historical analyses.**

**Gender and the politics of history.** New York, Columbia University Press. 1989.

Silhueta S – (acessado 02/05/2021)

<https://i.pinimg.com/originals/63/3f/a3/633fa3a96eac25e6e94ebc465ac58bf.jpg> m